

ALFAGUARA

# Charles Bukowski

## Matemáticas da escrita

Tradução de Valério Romão



## Sobre a matemática da respiração e do caminho

Vou começar isto com um pequeno resumo acerca da fêmea, mas, visto que o fumo na frente de batalha local se dissipou um pouco, vou refrear-me, mas há 50 000 homens neste país que têm de dormir de barriga para baixo com medo de perderem as suas partes íntimas às mãos de mulheres de olhar vítreo e selvagem armadas de facas. Irmãos e irmãs, tenho cinquenta e dois anos e um rasto de mulheres atrás de mim que dava para cinco vidas de homem. Algumas das senhoras dizem que as traí com a bebida; bem, sempre gostava de ver um homem enfiar a pila numa garrafa de *whiskey*. Como é óbvio, podes lá enfiar a língua, mas a garrafa não reage. Bem, ah ah entre as trombetas,<sup>17</sup> vamos então voltar à palavra.

A palavra. Estou a caminho da pista, é dia de abertura do Hollywood Park, mas eu vou falar-vos da palavra. Para fixar a palavra como deve ser é preciso: coragem, ver a forma, viver a vida e depô-la na frase. O Hemingway anda agora a apanhar porrada de pessoas que não sabem escrever. Há centenas de milhares de pessoas que *pensam* que sabem escrever. São os críticos, os queixinhas e os intrujas. Apontar para um bom escritor e chamar-lhe um monte de merda ajuda a mitigar a insuficiência deles enquanto criadores, e quanto melhor um homem se torna, mais invejado é e, por sua vez, odiado. Deviam ouvi-los quando se metem a achincalhar e a rebaixar o Pincay e o Shoemaker, dois dos

---

<sup>17</sup> Referência ao título de um livro de Alun Lewis, *Ha! Ha! Among the Trumpets*. (N. do T.)

maiores jóqueis de sempre a conduzir cavalos. Há um homenzinho que vende jornais no exterior das pistas locais e que diz: «Comprem aqui o vosso jornal, fiquem a saber tudo sobre Shoemaker the Faker.»<sup>18</sup> Aqui está ele a chamar a um homem que já montou mais ganhadores do que qualquer outro jóquei da atualidade (e que continua a montar e a montar bem), aqui está este ardina que vende jornais a dez cêntimos a chamar fraude ao Shoe. O Shoe é milionário, não que isso importe, mas ele conseguiu tudo quanto tem com o seu talento e podia comprar os jornais deste tipo, todos eles, durante o resto da vida deste tipo e mais meia dúzia de eternidades. O Hemingway também é gozado pelos rapazes dos jornais e pelas meninas da escrita. Não gostaram da sua saída. Eu achei a sua saída bem catita. Ele criou a sua própria morte piedosa. E criou uma escrita do camandro. Alguma dessa escrita dependia em demasia do estilo, mas foi um estilo com o qual ele inovou; um estilo que arruinou milhares de escritores que o tentaram usar de alguma forma. O estilo, uma vez construído, parece coisa simples, mas o estilo não se constrói apenas pelo método: constrói-se pela sensação, é como encostar o pincel à tela de uma determinada forma, e se não estiveres a viver no caminho do poder e do fluxo, o estilo desaparece. O estilo do Hemingway tende a desaparecer no final, progressivamente, mas isso é porque ele baixou a guarda e deixou que as pessoas lhe fizessem coisas. Mas deu-nos que chega e sobra. Um poeta menor que conheço veio cá a casa na outra noite. É um homem culto, e inteligente, consegue que as mulheres o sustentem, pelo que numa coisa percebe-se que é bom. É uma figura de homem imponente, que está cada vez mais amável, tem um aspeto bastante literário e anda sempre com aqueles caderninhos de

---

<sup>18</sup> Shoemaker, *o Falso*. (N. do T.)

apontamentos de cor preta, dos quais nos lê coisas. Este rapaz disse-me na outra noite: «Bukowski, eu consigo escrever como tu, mas tu não consegues escrever como eu.» Eu não lhe respondi porque ele precisa de se vangloriar, mas ele apenas *pensa* que consegue escrever como eu. O génio pode ser a capacidade de dizer algo profundo de uma forma simples, ou mesmo de dizer uma coisa simples de forma ainda mais simples. Oh, e já agora, se queres saber como reconhecer um escritor menor: é o que organiza uma festa, ou aquele para quem organizam uma festa, quando lança um livro.

O Hemingway estudou as touradas pela forma, pelo sentido, pela coragem, pelo fracasso e pelo caminho. Eu vou a combates de boxe e a corridas de cavalos pela mesma razão. Há uma sensação nos pulsos, nos ombros e nas têmporas. Há uma forma de ver e de gravar que se torna a frase, a forma e o ato, e o facto e a flor, e o cão a caminhar e as cuecas sujas debaixo da cama, e o som da máquina de escrever contigo sentado diante dela, é esse o grande som, o maior som do mundo, quando estás a conseguir captá-la à tua maneira, da maneira certa, e nenhuma mulher bonita conta mais do que isso, nada que pudesses pintar ou esculpir conta mais do que isso; é a arte suprema, a escrita da palavra, e a razão para o valor está toda lá, é a melhor aposta de sempre e não há muitos que ganhem.

Alguém me perguntou: «Bukowski, se desses um curso de escrita, o que lhes pedirias para fazer?» Eu respondi: «Mandava-os todos ao hipódromo e obrigava-os a apostar cinco dólares em cada corrida.» O parvalhão pensou que eu estava a gozar. A raça humana é muito boa a aldrabar, a enganar e a dar o dito por não dito. O que as pessoas que querem escrever precisam é que as ponham numa zona de onde não consigam sair recorrendo a jogo sujo e fraco. É por isso que os grupos de pessoas nas festas são tão

repugnantes: toda a inveja, pequenez e sordidez vêm à superfície. Se queres descobrir quem são os teus amigos, podes fazer uma de duas coisas: convida-os para uma festa ou vai parar à cadeia. Em breve perceberás que não tens amigos nenhuns.

E se achas que estou aqui a divagar, aguenta aí os cavallinhos, ou agarra-te aos tomates ou agarra os de outra pessoa. Tudo bate certo aqui.

E como devo presumir (ainda não vi nada) que estou a ser homenageado e criticado nesta edição, deveria dizer algo sobre as revistas independentes, embora já possa ter falado disso algures — pelo menos enquanto bebo umas cervejas. As revistas independentes são inúteis perpetuadoras de talento inútil. Nas décadas de vinte e trinta não havia muitas revistas independentes. Uma revista independente era um acontecimento, não uma calamidade. Uma pessoa podia refazer o percurso dos nomes desde as revistas independentes até à história da literatura; quer dizer, eles começavam ali e iam por aí *acima*; tornavam-se. Tornavam-se livros, romances, coisas. Agora, a maior parte das pessoas das revistas começam pequenas e permanecem pequenas. Há sempre exceções. Lembro-me, por exemplo, de ler o Truman Capote numa revista independente chamada *Decade* e de pensar: ora aqui está um homem com alguma frescura, estilo e uma energia razoavelmente original. Mas, no geral, goste-se ou não, as grandes revistas estilosas publicam coisas com muito mais qualidade do que as independentes — muito especialmente na *prosa*. Qualquer idiota na América produz um número incontável de poemas ineficazes. E uma grande parte destes é publicada nas revistas independentes. Trá lá lá, mais uma edição. Deem-nos um subsídio, vejam o que andamos a fazer! Recebo incontáveis revistas independentes pelo correio, que não queria, que não pedi. Folheio-as. Um vasto e árido nada. Acho que o milagre da nossa época é haver

tantas pessoas que conseguem escrever tantas palavras que não querem dizer nada, mas fazem-no, e fazem-no contínua e incansavelmente. Eu editei três números de uma revista independente chamada *Laugh Literary and Man the Humping Guns*. As coisas que recebia eram tão absolutamente ineptas que eu e o outro editor fomos obrigados a escrever a maior parte dos poemas. Ele escrevia a primeira metade de um poema e eu terminava-o. Depois eu escrevia a primeira metade de outro poema e ele terminava-o. Depois abancávamos e pensávamos nos títulos: «Vamos lá ver, o que é que vamos chamar a este caralhete?»

E com o aparecimento do mimeógrafo todos se tornaram editores, todos com grande faro, pouco gasto e nenhum resultado. A *Ole* foi uma exceção precoce e sou capaz de vos conceder uma ou duas outras exceções, se me apresentarem os factos. No que diz respeito a revistas mais cuidadas (não mimeografadas), temos de reconhecer que a *The Wormwood Review* (já com meia centena de números publicados) é a mais notável revista do nosso tempo naquela área. Silenciosamente e sem lágrimas, sem queixinhas, reclamações, desistências ou pausas, sem escrever cartas fanfarronas (como a maior parte faz) acerca de ter sido preso por conduzir uma bicicleta bêbedo nas Pacific Palisades ou de ter enrabado um dos editores do National Endowment for the Arts num quarto de hotel em Portland, o Malone foi simplesmente fazendo o seu trabalho de compilar um talento exato e vivo, número atrás de número. O Malone deixa que cada edição fale por si própria e mantém-se invisível. Não te virá bater à porta uma destas noites com um enorme jarro de porto barato para te dizer: «Olá, sou o Marvin Malone, publiquei o teu poema *Catshit in a Bird's Nest* no último número da minha revista. Acho que vou malhar em alguém. Tens por aqui algo que eu possa foder?»

Um vastíssimo clube de solitários sem talento, foi nisto que as revistas independentes se tornaram, e os editores são uma raça ainda pior do que os escritores. Se és um escritor seriamente interessado em criar arte e não uma tontice qualquer, então tens poucas revistas a que possas mandar as tuas coisas nas quais o processo editorial seja profissional e não pessoal. Não li a revista para a qual estou a escrever este texto, mas poderia sugerir, além da *Wormwood*, outras arenas decentes: *The New York Quarterly*, *Event*, *Second Aeon*, *Joe Di Maggio*, *Second Coming*, *The Little Magazine* e *Hearse*.

«Não és um escritor?», diz ela. «Se empregasses na escrita a energia que desperdiças nas corridas, serias incrível.» Penso numa coisa que o Wallace Stevens disse uma vez: «O sucesso como resultado do trabalho é um ideal de camponês.» Ou se não disse isto disse algo parecido. A escrita chega quando a escrita quer. Não podes fazer nada acerca disso. Não consegues espremer daquilo que vive mais escrita do que a que lá há. Qualquer tentativa de o fazer cria pânico na alma, dispersa e perturba a frase. Circulam histórias de como o Hemingway se levantava de manhã muito cedo para ter todo o trabalho pronto por volta do meio-dia, e, embora nunca o tenha conhecido pessoalmente, vejo-o como um alcoólico que queria despachar o trabalho para se poder embebedar.

O que tenho visto ocorrer nas revistas independentes com mais talento novo e fresco é uma interessante primeira impressão. E penso, ah, aqui está um, finalmente. Talvez tenhamos encontrado agora algo. Mas o mesmo mecanismo repete-se uma e outra vez. Depois de ter causado uma primeira boa impressão, o talento novo começa a aparecer em todo o lado. Dorme e toma banho com a merda da máquina de escrever e esta não pára nunca de martelar. O seu nome aparece em cada revista mimeografada do Maine ao México e o seu trabalho torna-se cada vez mais



fraco, mas continua a ser publicado. Alguém lhe publica um livro e ele (ou ela) está de repente a fazer leituras na universidade da tua terra. Leem seis ou sete bons poemas do início e todos os maus. Tens então mais um «nome» de uma revista independente. Mas o que aconteceu foi que eles, em vez de tentarem criar o poema, tentam fazer o maior número possível de aparições em revistas independentes. Acaba por se tornar uma corrida à publicação, em vez de criação. Esta dispersão de talento ocorre normalmente em escritores na casa dos vinte, que não têm experiência suficiente, que não têm carne suficiente sobre os ossos. Não se pode escrever sem viver e escrever todo o tempo não é viver. E beber copos não cria um escritor, andar à pera não cria um escritor, e, embora eu tenha feito bastante de ambas coisas, é simplesmente uma falácia e um romantismo afetado achar que essas coisas tornarão um escritor melhor. É claro que há momentos em que tens de andar à pera e momentos em que tens de beber, mas esses momentos são na verdade anticriativos, e não há nada que possas fazer acerca deles.

Escrever torna-se até um *trabalho*, por fim, especialmente se estás a tentar pagar a renda e uma pensão de alimentamentos com a escrita. Mas é o melhor trabalho e o único trabalho, e é um trabalho que aumenta a tua capacidade de viver e a tua capacidade de viver paga-te com a tua capacidade para criar. Um alimenta o outro; tudo isto é muito mágico. Deixei um trabalho muito aborrecido aos cinquenta (foi-me dito que tinha segurança para a vida, ah!) e sentei-me à frente da máquina de escrever. Não existe melhor forma. Há momentos absolutamente infernais em que sentes que estás a dar em doido; há momentos, dias, semanas sem palavra, sem som, como se tudo tivesse desaparecido. Então aquilo chega e sentas-te, a fumar, e a martelar, e aquilo rola e ruge. Podes levantar-te ao meio-dia, podes trabalhar até às três da manhã. Algumas pessoas



vão-te chatear. Não vão perceber o que estás a tentar fazer. Vão-te bater à porta, sentar-se numa cadeira e devorar as tuas horas sem te dar nada em troca. Quando demasiadas dessas pessoas do vazio chegam e continuam a chegar tens de ser cruel com elas, pois elas estão a ser cruéis contigo. Tens de as pôr a andar dali para fora. Há pessoas que compensam, que trazem a sua própria energia e luz, mas a maior parte das restantes são inúteis para ti e para si mesmas. Tolerar os mortos não é estar a ser humano, apenas acrescenta ao seu torpor, e eles deixam-te sempre bastante dele quando se vão embora.

E há, é claro, as senhoras. As senhoras prefeririam ir para a cama com um poeta a fazê-lo com qualquer outra criatura, até mesmo um pastor-alemão, embora eu tenha conhecido uma senhora que sentia grande prazer em contar que tinha fodido com um presidente Kennedy. Não havia maneira de eu saber. Pelo que, se és bom poeta, a minha sugestão é que te tornes também bom amante, ser um bom amante é em si mesmo um ato criativo, pelo que aprende a sê-lo, aprende a ser um muito bom amante, porque se és bom poeta terás imensas oportunidades, e embora não seja como ser uma estrela de *rock*, elas vão aparecer, pelo que não as desperdices como as estrelas de *rock* as desperdiçam, abordando a coisa de forma maquinal e desempenhada. Faz com que as senhoras percebam que estás mesmo ali. Depois, é claro, elas continuarão a comprar os teus livros.

E que isto seja conselho suficiente por um bom bocado de tempo. Oh, sim, ganhei cento e oitenta dólares no dia de abertura, perdi oitenta ontem, pelo que o que conta é o dia de hoje. Faltam dez para as onze. A primeira corrida é às duas da tarde. Tenho de começar a alinhar os meus genes de cavalo. Ontem vi lá um tipo com uma máquina cardíaca acoplada, sentado numa cadeira de rodas. Estava a fazer apostas. Ponham-no num lar e morre de um dia

para o outro. Vi lá outro tipo que era cego. O dia de ontem deve ter-lhe corrido melhor a ele do que a mim. Tenho de ligar ao Quagliano para lhe dizer que acabei este artigo. Ora esse é que é um cabrão deveras estranho. Eu não percebo *como* o consegue, e ele não me diz. Vejo-o nos combates de boxe, sentado com uma cerveja na mão, e parece bastante relaxado. Pergunto-me o que andará a fazer. Preocupa-me...

## Histórias

### Um Dólar para Carl Larsen

dedicado a Carl Larsen  
devido a Carl Larsen  
pago a Carl Larsen

... era um dia ocioso e um péssimo dia para trabalhar, e parecia que nem as aranhas tinham tecido as suas teias. E quando cheguei às oficinas dos caminhos de ferro fiquei a saber que o Henderson era o novo capataz.

O velho mexicano, o Al ou Abe ou algo assim, tinha-se aposentado ou morrido ou enlouquecido. Os rapazes estavam a jogar à moeda ao pé do celeiro quando o Henderson chamou por mim.

— Gaines — disse ele —, Gaines, consta que és uma espécie de *playboy*. Bem, não tem mal. Eu até gosto de umas palhaçadas de vez em quando, mas primeiro acabamos o nosso trabalho e logo brincamos.

— Como no recreio da escola, hein, treinador?

O Henderson aproximou o rosto do meu. Eu aproximei o rosto do dele.

— Ou não *andaste* na escola, Hendy?

Via mesmo à minha frente a sua boca vermelha e a sua queixada de sapo, enquanto ele falava:

— Posso pôr-te uns patins, rapazinho.

— E isso prova o quê?

— Prova que não estás no teu lugar.

O que era uma bela resposta e uma bela crítica: eu nunca estava no meu lugar.

Tirei uma moeda de cinco cêntimos do bolso e atirei-a para o chão de cimento onde os rapazes estavam a decidir quem jogava primeiro. Ficaram ali, embasbacados, olhando para a moeda e depois para mim. Virei costas e bazei dali para fora.

## II

Fiquei um par de horas deitado, no quarto, a estudar o *Racing Form*, e mandei abaixo metade de uma garrafa de vinho que tinha sobrado. Meti-me então no meu *Ford* de 39 e fui para a pista...

Anotei as probabilidades no meu programa e fui até ao bar, onde reparei numa loura boazona de uns 35 anos, sozinha — bem, tão sozinha como uma boazona daquelas pode estar entre oito mil homens. Tentava ao máximo rebentar daquela roupa para fora, e um homem ficava ali especado, a olhar para ela, a imaginar que parte explodiria primeiro. Era a puta da loucura, e de cada vez que ela se mexia sentia-se a eletricidade trepar pelas vigas de aço. E empoleirado no cimo daquela loucura aparecia um rosto que tinha mesmo algo de realeza. Quer dizer, havia uma espécie de imponência, como se ela já tivesse vivido além de tudo aquilo. Quer dizer, há mulheres que conseguem fazer os homens de tolos sem produzirem qualquer tipo de observação, de movimento, ou fazerem qualquer pedido — elas simplesmente estão lá e simplesmente fazem os homens sentirem-se tolos e é tudo quanto há para dizer. Esta era uma dessas mulheres.

Levantei os olhos da minha bebida, como se não fosse nada e ela fosse uma pessoa qualquer, e como se fosse um tipo bastante cansado (o que eu, para dizer a verdade, era) e disse:

— Como é que te está a correr isso... com os póneis, quero dizer?

— Menos mal — respondeu.

Estava à espera de outra coisa qualquer. Não sei do quê. No entanto, o «menos mal» soou-me bem.

Embalado pelo vinho, sentia que o mundo todo me pertencia, incluindo a loura.

— Já fui jóquei — disse-lhe.

— És bastante grande para jóquei.

— Noventa e cinco quilos. Tudo músculo — disse-lhe.

— E barriga — respondeu ela, olhando para a parte de cima do meu cinto.

Rimo-nos os dois e eu aproximei-me dela.

— Queres o vencedor da primeira corrida? Para comesares isto com o pé direito?

— Claro — disse ela —, claro.

E eu senti por um instante apenas aquele enorme flanco de anca encostar-se à parte de cima da minha perna, e senti-me a pegar fogo.

Cheirava-me a perfume, e imaginei cascatas e florestas, e atirar restos a belos cães, e mobília macia como nuvens e nunca mais acordar com o despertador.

Acabei a bebida.

— Tenta o seis — disse. — Número seis: *Cat'shead*.

— *Cat'shead*?

Nesse momento senti alguém a dar-me um toque por detrás. Quero dizer — a dar-me uma pancada numa das omoplatas.

— *Puto* — disse aquela voz —, põe-te a *mexer*!

Fiquei a olhar para baixo, para a minha bebida, à espera que *ela* mandasse aquele tipo passear.

— Eu *disse* — a voz cresceu um pouco em volume — baza daí e vai brincar com os teus berlindes!

Enquanto olhava para o meu copo, percebi que estava vazio.

— Não gosto de brincar com berlindes — disse à voz. E ao empregado do bar: — Mais dois, para a senhora e para mim.

Senti-o então nas costas: o toque seguro e superior de uma inigualável e sem dúvida altamente eficiente arma automática.

— Aprende — disse a voz —, aprende a *gostar* de brincar com berlindes!

— Vou-me já embora — disse. — Trouxe o meu abafador. Ouvi dizer que estão a fazer um belo jogo debaixo da tribuna principal.

Virei-me e vi-o de relance enquanto ele se sentava no meu lugar; e eu sempre pensara que *eu* era o filho da puta mais mal-encarado do mundo.

— Tommy — ouvi-a dizer-lhe —, quero que apostes, por mim, cem dólares num cavalo.

— Claro. Em qual?

— No número seis.

— No número SEIS?

— Sim, seis.

— Mas essa pileca está a 10 para 1!

— Aposta.

— Tudo bem, querida, tudo bem, mas...

— Aposta.

— Posso acabar a minha bebida?

— Claro.

Dirigi-me ao guiché das apostas de dois dólares para ganhar.

— Número seis — disse. — Uma vez.

Eram os meus últimos dois dólares...

O seis rendeu 23,40 dólares.

Fiquei a olhar para o meu cavalo enquanto este se dirigia para o Círculo dos Vencedores, como faço com todos os cavalos em que aposto e que ganham, e senti-me tão orgulhoso dele como se o tivesse criado ou tivesse sido eu a montá-lo. Senti vontade de celebrar e de dizer a toda a gente que aquele era o maior cavalo que alguma vez viveu,

e tive vontade de erguer os braços e de lhe abraçar o pescoço, embora ele estivesse a uns 60 ou 100 metros de distância.

Mas acendi um cigarro e fingi que estava aborrecido...

Fui então outra vez para o bar, a ver se conseguia ver como ela tinha reagido àquilo, com a intenção de ficar bastante longe. Mas eles não estavam lá.

Pedi um duplo e uma cerveja, bebi os dois, pedi outros dois e bebi-os calmamente, enquanto estudava a próxima corrida. Quando tocou o sinal de aviso dos cinco minutos, eles ainda não tinham aparecido e eu fui fazer a minha aposta.

Perdi a aposta. Perdi-as todas. Eles não voltaram a aparecer. No final da última corrida eu tinha trinta e cinco cêntimos, um *Ford* de 1939, cerca de sete litros de gasolina e restava-me uma noite de renda paga.

Fui à casa de banho dos homens e olhei para o meu rosto com repulsa. *Parecia* que eu sabia alguma coisa, mas era mentira, eu era um impostor, e não há nada pior no mundo do que o momento em que um homem subitamente se apercebe de que é um intrujão e o admite a si mesmo, depois de todo o tempo que passou, até àquele momento, a tentar convencer-se de que não o era. Olhei para todos os lavatórios, para os tubos e para as sanitas e senti-me como eles, pior do que eles: preferia ser eles.

Saí porta fora a sentir-me como uma lebre, ou uma tartaruga ou uma coisa qualquer, ou alguém a precisar de um bom banho, e senti-a então embater em mim como a minha parte boa a regressar num afluxo. Reparei no quão verde era o seu vestido e não quis saber o que tinha acontecido: vê-la novamente bastava para voltar a estar tudo bem.

— Onde é que te meteste? — disse, apressada.  
— Tenho andado à tua procura por todo o lado!

— Mas que diabos se passa? — comecei por dizer.  
— Tenho andado à tua procura...



— Vem aí o *Tommy* — interrompeu-me, e senti então algo na minha mão e ela afastou-se, cuidadosamente, devagar, para ir ter com ele. Amarfanhei o que ela me tinha posto na mão, enfiei-o no bolso e fui para o parque de estacionamento. Entrei no carro, acendi o meu penúltimo cigarro, recostei-me no assento e levei a mão ao bolso.

Tirei de lá cinco notas de cem dólares, uma de cinquenta, duas de dez e uma de cinco. «A tua metade», dizia o bilhetezinho. «Obrigada. Nicki.» Vi então um número de telefone.

Fiquei ali sentado a olhar para os carros enquanto estes partiam, todos, a olhar para o Sol a desaparecer por completo; fiquei ali sentado a olhar para um homem a mudar um pneu, e depois saí dali devagar, como um velho, a absorver aquilo, centímetro a centímetro, morto de medo de passar alguém a ferro ou de ser incapaz de parar no vermelho de um semáforo. Pensei então na moeda de vinte e cinco cêntimos que tinha deitado fora e comecei a rir-me como um maluco. Ri-me tanto que tive de parar o carro. E quando o tipo que tinha mudado o pneu passou por mim, vi aquela mancha branca de cara a olhar-me e tive de começar tudo outra vez. Cheguei mesmo a buzinar e a gritar-lhe.

Pobre diabo: não tinha alma.

Como eu e mais um ou dois. Pensei no Carl Larsen na praia, a tirar areia de entre os dedos dos pés e a beber cerveja choca com o Curtis Zahn e o J. B. May. Pensei no dólar que devia ao Larsen. Achei que era melhor pagá-lo. Ainda ia contar ao J. B.

## **Obviamente!, a Bomba de Hidrogénio**

Sentia-se tremendamente aborrecido e enjoado; as costas doíam-lhe de estar deitado na cama toda a manhã. Dobrou o jornal e atirou-o para o cubículo atrás da secretária.

Tentou a segunda melhor coisa: levantou-se e abriu todas as gavetas, tirou de lá os papéis e espalhou-os sobre a cama. Às vezes em coisas que começaste e não conseguiste acabar, às vezes pegas em duas ou três coisas assim, junta-las e, limando-lhes as arestas, consegues criar uma história incommon — eles nunca se apercebem, pensam que a coisa veio em sequência. Desde que nas frases pulsasse sangue... Às vezes consegues pegar em todas as linhas em que pulsava sangue... ou consegues fugir da subjetividade transformando o músico num barbeiro, e todas aquelas frases lamechas seriam perdoadas porque eles pensariam que era sobre *ele* e não sobre *ti*.

Acendeu um cigarro e começou a ler as diversas páginas. Havia dúzias delas — rascunhos escritos à pressa, coisas bem impressas, lápis, caneta — e ele não se lembrava da maior parte do que lá estava, e, relendo-as, havia ali qualquer coisa de infernalmente engraçado — uma pessoa cresce, sabes, ultrapassa as extravagâncias. As gavetas estavam todas cheias porque ele tinha medo de atirar os papéis para o cesto do lixo, e, quando o fazia, rasgava-os em bocados muito pequenos e enrolava-os com as mãos:

... nunca se sabe quando algo vai quebrar. Não se pode acreditar nas vozes, ou nos rostos das vozes...

... eu disse, profusão automática

... acendi um cigarro, mas percebi que era uma beata e atirei-o fora.

... acobardo-me perante os olhares... esta puta gorda está a dizer que bebi nove copos de porto desde manhã... a puta afasta-se, algo paralisada... abano a minha cerveja e olho para dentro do copo... telefone ao meu pai do tribunal de Culver City. Sei que estou no gabinete do juiz. A operadora dá-me o número errado. Uma mulher bem vestida olha-me fixamente. As minhas mãos tremem. Tenho uma barba de três dias e um buraco nas calças...

**Autor de culto, venerado por sucessivas gerações, Bukowski dedica-se aqui a dissecar gloriosamente a arte de escrever — pelo caminho, partilha connosco o seu olhar cáustico sobre o meio literário e artístico.**

*«A palavra. Estou a caminho da pista, é dia de abertura do Hollywood Park, mas eu vou falar-vos da palavra. Para fixar a palavra como deve ser, é preciso: coragem, ver a forma, viver a vida e depô-la na frase. [...] O génio pode ser a capacidade de dizer algo profundo de uma forma simples, ou mesmo de dizer uma coisa simples de forma ainda mais simples.»*

Coligindo textos de natureza diversa, entre contos, entrevistas e crónicas, este livro mostra-nos como Bukowski perspetiva e pensa sobre o seu próprio ofício: usando de toda a insolência e autodeflação, derruba pressupostos míticos apenas com recurso à sua máquina de escrever e a uma cerveja.

Ao acompanhar as aventuras do escritor em leituras públicas, festas literárias, *décors* de filmes e muitos bares, o leitor vai conhecendo profundamente o seu espírito crítico. *Matemáticas da escrita* é, ao mesmo tempo, um guia perfeito para o homem por detrás do mito, e para o escritor disciplinado por detrás do bêbado incorrigível.

Cínico e desempoeirado como sempre, Bukowski oferece-nos aqui uma lição preciosa sobre a difícil arte da escrita, sobre a ainda mais difícil arte de viver da escrita, e sobre a vaidade e fragilidade da natureza humana.



**«Bukowski foi alguém que desafiou o mundo, quer com os punhos quer com as palavras. Um provocador cheio de virtuosismos.»**

*Los Angeles Times*

**«Um daqueles escritores que cada novo leitor descobre com um entusiasmo transgressivo.»**

*The New Yorker*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora  
penguinlivros

ISBN 9789897849770



9 789897 849770 >